

Amanda Basilio Santos
Anderson Pires Aires
Carlos Alberto Ávila Santos
(Org.)

Anais do IV Colóquio
Internacional
A Casa Senhorial: Anatomia dos
Interiores

1ª Edição

Pelotas
CLAEC
2017

© 2017, CLAEC

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988 de 14/12/73. Nenhuma parte deste livro, sem autorização previa por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Editoração e diagramação: Amanda Basilio Santos.

Capa: Fabrício Torchelsen Bassi.

ISBN 978-85-93548-04-8

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A484

C284

Anais do IV Colóquio Internacional A Casa Senhorial [livro eletrônico]: Anatomia dos Interiores / Amanda Basilio Santos; Anderson Pires Aires; Carlos Alberto Ávila Santos (Organizadores). 1. ed.- Pelotas: CLAEC, 2017. 562p.

PDF - EBOOK

Inclui Bibliografia.

ISBN: 978-85-93548-04-8

1. História da Arte 2. História da Arquitetura

CDU 728

CDD 709

Observação: Os textos contidos neste e-book são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores, incluindo a adequação técnica e linguística.

ORGANIZAÇÃO DO EVENTO

Comissão organizadora:

Dra. Isabel Mendonça (Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa)

Dra. Ana Maria Pessoa dos Santos (Fundação Casa de Rui Barbosa/MINC)

Dr. Carlos Alberto Ávila Santos (Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas)

Comitê Científico:

Dra. Ana Lúcia Vieira dos Santos (Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense)

Dra. Marize Malta (Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Dra. Ester Gutierrez (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas)

Dr. Aldrin Moura de Figueiredo (Faculdade de História da Universidade Federal do Pará)

Dr. José Belmont Pessoa (Programa de Pós-Graduação da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense)

Dr. Nelson Pôrto (Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo)

Dr. Hélder Carita (Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa)

Dr. Carlos de Almeida Franco (CITAR-Escola de Artes da Universidade Católica do Porto)

Dr. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (CITAR-Escola de Artes da Universidade Católica do Porto)

Dr. José Ferrão Afonso (CITAR-E Escola de Artes da Universidade Católica do Porto)

Site e Facebook:

<http://vcoloquiosenhorial.wixsite.com/ivcoloquiosenhorial>

<https://www.facebook.com/IVCICS/>

Realização:

Universidade Federal de Pelotas, Fundação Casa de Rui Barbosa e Universidade Nova de Lisboa.

Financiamento: CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

SUMÁRIO

Apresentação	01
EIXO TEMÁTICO I – Proprietários, Construtores e Artífices: Vivências e Rituais	03
“TRATAR-SE À LEI DA NOBREZA”: A FAMÍLIA OLIVEIRA BARBOSA E GRANDJEAN DE MONTIGNY <i>Ana Lucia V. Santos e Ana Pessoa</i>	04
ESTUCADORES DE VIANA DO CASTELO EM PALÁCIOS LISBOETAS – A OFICINA DE RODRIGUES PITA E DOMINGOS MEIRA <i>Isabel Mayer Godinho Mendonça</i>	28
VILA OSCARINA, RESIDÊNCIA LUXUOSA EM VITÓRIA: INÍCIO DO SÉCULO XX <i>Luciana Nemer Diniz</i>	61
A ESTÂNCIA DO SERRO FORMOSO-LAVRAS DO SUL. RS <i>Mônica de Macedo Praz</i>	76
ANÁLISE ESTILÍSTICA E CARACTERIZAÇÃO DE ARGAMASSAS DAS ESCARIOLAS DA CASA 8 (PELOTAS, BRASIL) – UMA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR <i>Pedro Luís Machado Sanches e Daniele Baltz da Fonseca</i>	106
PERMANÊNCIAS E INOVAÇÕES TÉCNICAS E ORNAMENTAIS EM CASAS SENHORIAIS URBANAS CONSTRUÍDAS PELOS BARÕES DO CAFÉ EM CAMPINAS – SP <i>Renata Baesso Pereira e Ivone Salgado</i>	129
FREDERICO STECKEL: PINTOR-DECORADOR DO IMPÉRIO E DA REPÚBLICA <i>Ricardo Giannetti</i>	156

A CASA SENHORIAL EM CONTEXTO RURAL: ESTUDO DE CASO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NO TERRITÓRIO DE SÃO JOSÉ DO RIO PARDO, SÉCULO XIX <i>Rafael Augusto Silva Ferreira e Renata Baesso Pereira</i>	307
EIXO TEMÁTICO III – <i>A ornamentação fixa</i> : azulejos, tetos, talhas, pinturas, estuques, têxteis, pavimentos, chaminés/lareiras, janelas, portas, pára-ventos e outros bens integrados.....	335
DO MANUAL À PRÁTICA: O REPERTÓRIO ORNAMENTAL DO SALÃO DE BILHAR DO PALÁCIO LARANJEIRAS NO RIO DE JANEIRO <i>Ana Claudia de Paula Torem</i>	336
LADRILHOS HIDRÁULICOS: TAPETES DE CIMENTO, AREIA E PIGMENTO NOS CASARÕES SENHORIAIS DE PELOTAS – RS <i>Andréa do Amaral Dominguez e Carlos Alberto Ávila Santos</i>	350
ESTUQUES EM RELEVO E TÉCNICAS PICTÓRICAS – METODOLOGIA DE INVENTÁRIO <i>Cristina Jeannes Rozisky, Fabio Galli e Carlos Alberto Ávila Santos</i>	380
ENTRE ESTUQUES, LADRILHOS HIDRÁULICOS E ASSOALHOS DE MADEIRA DA LOJA PARIS N’AMÉRICA <i>Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes</i>	405
ARTE E MEMÓRIA: BENS INTEGRADOS DO SOLAR SALDANHA EM SALVADOR, BAHIA <i>Maria Herminia Olivera Hernández</i>	422
AOS QUE CHEGAM: AS ESCULTURAS DO HALL DO PALÁCIO DO CATETE <i>Paulo Celso Liberato Corrêa</i>	437

EIXO TEMÁTICO IV – O equipamento móvel nas suas funções específicas e suas relações com o espaço; o conjunto e as circulações das peças; a atmosfera do lugar.....	454
O INVENTÁRIO MARIA TOMÁSIA: LIBERALISMO E DISTINÇÃO	
<i>Ana Pessoa e Ana Lucia V. Santos.....</i>	<i>455</i>
ENTRE O FUNCIONAL E O ORNAMENTAL: PRATARIA DOMÉSTICA EM ACERVOS DO PORTO NA SEGUNDA METADE DE OITOCENTOS	
<i>Gonçalo de Vasconcelos e Sousa.....</i>	<i>471</i>
INVENTÁRIO, INVENÇÃO E INDIVIDUAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE OS MÓVEIS E APETRECHOS DO CONDE DA BARCA A PARTIR DE DOCUMENTOS DESCRITORES	
<i>Marize Malta e Patricia D. Telles.....</i>	<i>497</i>
PEQUENOS ACHADOS FORTUITOS: VESTÍGIOS DAS DIFERENTES OCUPAÇÕES DO CASARÃO NÚMERO 8, CENTRO DE PELOTAS, RS, BRASIL	
<i>Taciane Silveira Souza e Pedro Luís Machado Sanches.....</i>	<i>514</i>
CONSTRUTORES E ARTÍFICES E OS BENS INTEGRADOS AOS CASARÕES ECLÉTICOS PELOTENSES: EM DOCUMENTAÇÃO DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX	
<i>Carlos Alberto Ávila Santos.....</i>	<i>525</i>
A COLEÇÃO DE AZULEJOS PORTUGUESES DO MUSEU DO AÇUDE: SALAS NOBRES	
<i>Mariana Rodrigues e Ana Pessoa.....</i>	<i>537</i>



IV Colóquio Internacional

A Casa Senhorial: Anatomia dos Interiores

7, 8 e 9 de junho de 2017

Universidade Federal de Pelotas - Pelotas - RS - Brasil



PEQUENOS ACHADOS FORTUITOS: VESTÍGIOS DAS DIFERENTES OCUPAÇÕES DO CASARÃO NÚMERO 8, CENTRO DE PELOTAS, RS, BRASIL

Taciane Silveira Souza¹

Mestre em Arqueologia e Bacharel em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis pela UFPel
Discente da Universidade Federal de Pelotas
ciane_ta@hotmail.com

Pedro Luís Machado Sanches

Doutor em Arqueologia pela USP
Docente da Universidade Federal de Pelotas
pedrolmsanches@gmail.com

Introdução:

O Casarão número 8 da Praça Cel. Pedro Osório não está entre as primeiras construções patrimonializadas na cidade de Pelotas. Antes de voltar seu interesse preservacionista ao conjunto de residências oitocentistas do entorno da praça, Pelotas promoveu, ainda em 1955, o tombamento federal do *Obelisco Republicano* que se encontra no Bairro Areal, um monumento intencional erigido antes da proclamação da república. Quase duas décadas mais tarde, em 1972, se efetivou também o tombamento federal do Teatro Sete de Abril (SCHLEE 2008, p. 5), um dos centros da vida social local.

Em Pelotas, a preservação do patrimônio cultural teve início por bens públicos, não por suntuosas residências privadas. O Obelisco e o Teatro tinham evidente valor de ancianidade² e, aos olhos de gestores públicos e entusiastas, estavam envoltos em auras de pioneirismo e singularidade³. Mas, se estes foram os casos pioneiros, não foram os que mais

¹ Taciana é autora do 10º ao 27º parágrafos deste texto. Pedro é autor do 1º ao 9º parágrafos deste texto. Ambos os autores redigiram os dois parágrafos de considerações finais.

² O termo regliano *der Alterswert* é de difícil tradução, como um de nós já argumentou (SANCHES 2011, p. 12), mas a aparente contradição que indica, entre evitar o fim prematuro de um monumento e evitar intervenções de restauro (todas consideradas arbitrarias), parece se prestar bem àquilo que vigorava nas primeiras ações de tombamento em Pelotas. Optamos aqui pelo neologismo “ancianidade”, evitando o duplo sentido do termo “antiguidade” neste caso.

³ O Obelisco fora o “único monumento erguido ao ideal republicano durante a monarquia” e o Teatro, a “única casa de espetáculos do Brasil em funcionamento ininterrupto desde a sua fundação em 1831” (Carrazzoni 1980, p. 343-344 *apud* SCHLEE 2008).

demandaram atenção, nem os que por mais tempo e com mais frequência mobilizaram ações preservacionistas.

Garantir a “sobrevivência de um dos mais belos conjuntos arquitetônicos do século XIX, do Brasil” (SCHLEE 2008, p. 5) foi a causa que levou segmentos da população pelotense, liderados por Adail Bento Costa, a solicitar o tombamento federal das residências no. 2, 6 e 8 da Praça Coronel Pedro Osório antes mesmo da redemocratização, no distante ano de 1977 (Processo 925-T-75 do SPHAN, livro de belas artes (vol. I), inscrição 526, folha 97; e Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, inscrição 70, folha 16, em 15/12/1977 apud SCHLEE 2008). Se os primeiros tombamentos na cidade visavam o interesse histórico das construções, o tombamento dos casarões da praça se impôs, acima de tudo, pelo valor artístico. Preservar grandes residências oitocentistas era parte fundamental dos esforços de fetichização do período do charque (indústria saladeril de matriz escravista), cujo apogeu econômico se deu nas últimas décadas do século XIX (MAGALHÃES 1993; MAGALHÃES in: LONER, GILL, MAGALHÃES 2012, p. 67-68).

O casco urbano, traçado a uma considerável distância das charqueadas, teria se prestado à transferência das residências familiares dos charqueadores para longe dos insalubres estabelecimentos industriais, “construindo sobrados de arquitetura europeia e ajudando a edificar uma cidade bem traçada, de ruas largas e retas, e projetada com uma espaçosa visão de futuro” (MAGALHÃES 1993, p. 95).

Muito menos alusiva à economia do charque que à opulência e à estética europeizadas que ela financiou, a preservação de grandes residências urbanas teve, por outro lado, o sentido de resistência. Em meados dos anos 1970, a paisagem urbana já se apresentava descontínua em razão dos abruptos processos de substituição das construções tradicionais plenas de ornatos pelo minimalismo de modernos edifícios em altura. Sidney Vieira e Francine Ribeiro (2014), ao apresentarem o zoneamento do centro histórico de Pelotas e, antes deles, Andrey Schlee (2008), avaliando criticamente a história da preservação na cidade, destacam o texto de autoria desconhecida publicado n’*A Gazeta Pelotense* em 16 de outubro de 1976. Esta crônica jornalística é um raro documento a registrar a preocupação de setores da comunidade local com a “substituição tipológica” das construções, com a “destruição indiscriminada de um passado”, como dizem os autores. O texto d’*A Gazeta* asseverava que:

(...) nada menos de 180 mil metros quadrados de área construída foram acrescidos à cidade de janeiro a setembro. É uma prova que a

cidade cresce. Mas não é uma prova muito significativa se considerarmos que no mesmo período foram demolidos aproximadamente 100 mil metros quadrados (...). É toda uma cidade que vem abaixo para que outra surja (RIBEIRO; VIEIRA 2014, p. 290; SCHLEE 2008, p. 06 (omitidos os grifos do autor)).

Segundo esta avaliação, contemporânea do movimento pelo tombamento das residências da praça Pedro Osório, recuperar casarões ultrapassava o sentido de rememoração para repousar na constituição de um repertório local destinado à fruição cultural. O que atraiu diferentes atores sociais, gestores públicos e entusiastas da preservação ao longo de décadas parece ter sido a necessidade de salvar os belos monumentos da cidade, algo a ser contemplado e admirado, algo excepcional e insubstituível. Nesse contexto, é possível entender que “a população local não se sentia identificada com o patrimônio já preservado ou a preservar” e “os monumentos estavam sendo protegidos porque tinham uma significação e uma importância nacionais” (SCHLEE 2008, p.07), mas também é possível ver que as residências estavam sendo segregadas da paisagem, constituindo a parte a ser preservada. Sobre ela repousa a mesma lógica da separação que se presta a compartimentar a cultura em nossa sociedade, determinando “usos e funções específicos, tipicamente convenientes, apropriados e intransferíveis” (BEZERRA DE MENESES 1996, p. 95).

Preservando um casarão:

Descendentes dos encomendantes dos projetos arquitetônicos e ornamentais, as famílias de proprietários, se beneficiaram do processo de patrimonialização tanto no plano pecuniário, quanto simbolicamente. Suas grandes casas, já dispendiosas e francamente degradadas, uma vez reivindicadas para servirem à fruição contemplativa, como *exempla* de um período escolhido da história da arquitetura, carregam a memória de seus primeiros donos no discurso proposto em visitas guiadas ao centro histórico ou aos edifícios, uma narrativa que custa a se desprender da materialidade e não costuma ceder espaço a outros discursos. Como bem observou Ulpiano Bezerra de Menezes tomando por base Donald Horne, “nas visitas guiadas o que conta é o que se diz aos visitantes que eles estão vendo e não, precisamente, o que eles seriam capazes de ver pessoalmente” (BEZERRA DE MENESES 1996, p. 97).

A preservação de um edifício pode carregar a memória de seus primeiros proprietários muito mais intensamente que o registro de qualquer outro aspecto de sua existência. As publicações que abordam a Casa 8 como patrimônio cultural podem atribuir a importância do

edifício ao fato de ter abandonado os “modelos formais e plásticos da arquitetura colonial” e se “baseado na arquitetura de tradição clássica, com forte influência da renascença italiana” (MOURA; SCHLEE 1998, p. 76), mas não deixam de incluir uma genealogia de seus habitantes originais, além de se apressarem a nomear o prédio em alusão ao primeiro proprietário⁴, evitando o nome popular contemporâneo (“casa 8”), referências estilísticas ou iconográfica, ou mesmo qualquer menção ao arquiteto a quem se atribui o projeto.

Pelotas foi uma das cidades contempladas no Programa *Monumenta* e a lei municipal no. 5.253 de 2006 permitiu a permuta de imóveis com os herdeiros, visando constituir o “Complexo Turístico, Cultural e Administrativo do Município de Pelotas” (GUTIERREZ in LONER; GILL; MAGALHÃES 2012, p. 57.). Esta foi a possibilidade encontrada para incorporar ao erário público os casarões da praça, o que reacendeu o interesse por construções que estavam novamente à mercê de acelerada degradação, vandalismo e abandono. Um interesse preconizado trinta anos antes pelo movimento liderado por Bento Costa.

Fragmentos e marcas de diferentes ocupações:

O Casarão 8, uma das principais edificações pelotenses contempladas no Programa *Monumenta*, está datado de 1878 e seu projeto foi atribuído ao italiano José Isella (GUTIERREZ in LONER; GILL; MAGALHÃES 2012, p. 55⁵). Após seu uso residencial e antes de ser comprado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 2006, o prédio havia sido sede de vários órgãos públicos (MICHELON 2013, p. 108; GUTIERREZ in LONER, GILL, MAGALHÃES 2012, p. 57). Uma vez incorporado à universidade, o prédio passou por um restauro emergencial na sua em 2009 (incluindo o salvamento arqueológico do subsolo e das áreas adjacentes), e por um restauro amplo entre 2011 e 2013.

No decorrer desta última intervenção, os integrantes da equipe técnica de restauro⁶ localizaram uma série heretogênea de fragmentos de “louças, vidros e madeiras torneadas” (BEZERRA 2011) que remetem às diferentes ocupações do edifício.

⁴ “Residência Conselheiro Maciel – Casa 8” in: SCHLEE; MOURA 1998, no. 22; “Casa do Barão de Cacequi” in: Michelin 2013, p. 107

⁵ Também nomeado José Izella Merotti (MICHELON 2013, p. 108-109) e José Izella Merote (MOURA; SCHLEE 1998, p. 76).

⁶ Vide lista completa dos integrantes na publicação digital “Blog da Casa 8” <<https://casaraooito.wordpress.com/equipe-tecnica-ufpel>>.

O pequeno acervo coletado assistematicamente (figura 01) foi recebido em 25 de novembro de 2011 pela UFPel, para que fosse incorporado ao acervo arqueológico do Casarão após passar por procedimentos de conservação.

Sabemos que muitos casarões serviram para outras finalidades, sendo ocupados por secretarias e repartições públicas após perderem suas funções residenciais. Isso se deve à sua localização privilegiada e à amplidão de seus cômodos, sem mencionar outros fatores. No caso do Casarão 8, não foi muito diferente. Em regime de aluguel, o prédio se prestou a cinco ocupações distintas entre os anos 1950 e 1990, após seu uso residencial:

Ordem de ocupação	Finalidade (instituição ocupante)	Duração (anos de ocupação)
1 ^a	Residência da família Antunes Maciel	1879 a meados de 1950
2 ^a	Quartel General da 8 ^a Brigada de Infantaria Motorizada de Pelotas	1955 a 1973
3 ^a	Superintendência para o Desenvolvimento da Região Sul (SUDESUL)	1975 a 1990
4 ^a	Secretaria Municipal de Obras e Viação	1976 a 1978
5 ^a	Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente	1978
6 ^a	Cooperativa Habitacional dos Servidores Públicos Municipais de Pelotas (COOHAMUP)	19??
7 ^a	Universidade Federal de Pelotas (UFPel)	2009 ⁷ até o presente

Tabela 1: Cronologia das ocupações do Casarão 8 (dados aproximados). Fonte: MICHELON 2013, p. 109, e “Blog do Casarão 8” <<https://casaraooito.wordpress.com>>, 2011.⁸

Tais ocupações ao longo do tempo causaram modificações internas e deixaram marcas de uso importantes, assim como a elas correspondem os fragmentos e vestígios de mobiliário e de elementos construtivos encontrados durante as obras de restauração.

A hipótese de partida acerca deste acervo aponta para fragmentos de objetos relacionados a muitas das ocupações enumeradas acima. Eles teriam sido simplesmente descartados ou depositados no local após a perda de sua função original, apontando para as várias atividades e memórias que estiveram presentes no casarão.

A busca por informações sobre o acervo, e ausência de informação acerca dos locais de achado de cada peça no interior do edifício, levaram a pequena equipe do projeto de pesquisas *Acervos Imagéticos Circunstanciados*, hoje desenvolvido no Laboratório

⁷ O edifício só veio a ser reinaugurado em dezembro de 2012, após o processo de restauração supracitado.

⁸ Compilação e cotejo dos dados apontados em ambas as fontes. As fontes não datam a penúltima ocupação.

Multidisciplinar de Investigação Arqueológica (LÂMINA), a entrar em contato com a empresa responsável pelo restauro, e com ex-estagiários e auxiliares que participaram das obras.



Figura 01 - Materiais coletados no decorrer das obras de restauro no casarão em 2011.
Referência: BEZERRA, 2011.

Ainda em etapa inicial desta pesquisa, obtivemos êxito no contato com três integrantes da equipe, duas estagiárias e uma artífice. Os encontros foram *in loco* e no Laboratório, e se deram em dias diferentes (figuras 02 e 03).

As primeiras entrevistas com integrantes da equipe de restauradores do Casarão 8 foram feitas com estagiárias (Mara Denise Nizolli e Juliana Vergara, conservadoras–restauradoras formadas no Curso de Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis da UFPel), visto que cada uma atuou em períodos distintos no restauro. Essas repassaram

informações relevantes sobre o período em que estagiaram, porém sobre o acervo em questão não possuíam nenhuma informação.



Figura 02 – Conversas com a ex-estagiaria Denise Nizolli no Casarão 8.
Foto: Marcela dos Santos Dode, 2017.

Uma terceira conversa, com a artífice Janaína Lamas Teixeira (que não atua mais como artífice da empresa *Marsou Engenharia*), se deu devido à busca da equipe por integrantes que tivessem atuado desde o início das obras. Desta vez a entrevista se deu dentro do Laboratório, diante das peças. Janaína disponibilizou registros fotográficos do período do restauro, nos quais foi possível observar a extensão da degradação e também marcas de uso e intervenções correspondentes às antigas ocupações.



Figura 03 – Conversas com a ex-estagiária Juliana Vergara no Casarão 8. Foto: Marcela dos Santos Dode, 2017.

No decorrer da conversa, o pequeno acervo foi mostrado, porém a artífice não se lembrava dele no casarão. Ela disponibilizou registros fotográficos feitos durante o restauro onde é possível observar a gravidade dos danos causados aos revestimentos por sucessivas ocupações administrativas. A informante relatou que algumas escariolas estavam em péssimas condições, e apresentou as seguintes imagens (figuras 04, 05 e 06). Segundo a artífice, tais intervenções geraram danos estruturais, não apenas estéticos, ao edifício.



Figura 04 – Colocação de um ar-condicionado? Intervenção feita no casarão em uma das ocupações. Foto: Janaína Lamas Teixeira, 2011.



Figura 05 – Colocação de tomadas em uma das paredes com escaiolas. Intervenção feita no casarão em uma das ocupações.
Foto: Janaína Lamas Teixeira, 2011.



Figura 06 – Perfurações nas paredes com escaiolas. Intervenção feita no casarão em uma das ocupações.
Foto: Janaína Lamas Teixeira, 2011 (indicações nossas).

Não foi possível estabelecer relações entre as marcas apontadas por esta integrante da equipe de restauro e os fragmentos de vidro, louça e madeira doados em 2011.

Considerações finais:

O principal objetivo dos diálogos com a equipe técnica de restauro era melhor identificar a procedência do pequeno acervo, e as possíveis condições relativas às circunstâncias de achado. No entanto, até o momento, pouca informação pôde ser associada. Os futuros contatos, indicados nessas três conversas, serão fundamentais para seguir com esta linha de pesquisa, etapa fundamental de uma investigação arqueológica que vê na obra de restauro o último contexto social em que os artefatos fragmentários foram selecionados e ressignificados. Procedimentos emergenciais de conservação aplicados nos materiais metálicos já foram realizados, assim como uma análise preliminar que servirá de apoio documental a futuras pesquisas, fornecendo de antemão as principais medidas, descrições formais e decorativas, crono-tipologia e *comparanda* presentes na bibliografia especializada. Toda informação adicional referente às circunstâncias de achado será incorporada às fichas de análise preliminar de cada peça.

Tais procedimentos, que antecedem o depósito do acervo em reserva técnica, não têm a finalidade de esgotar as questões referentes à relação entre os fragmentos, o edifício e suas distintas ocupações. Ao contrário, procuram ir além da mera contemplação, do *voyeurismo cultural*⁹ que parece ter se mantido entre as motivações dos processos de patrimonialização destinados ao casarão número 8 da Praça Coronel Pedro Osório.

AGRADECIMENTOS:

Aos organizadores do prestigioso evento, pela oportunidade; às interlocutoras, Mara Nizolli, Juliana Vergara e Janaína Teixeira pelos depoimentos e, à última delas também pelas fotografias cedidas; à integrante do projeto *Acervos Imagéticos Circunstanciados*, Marcela Dode, pelas fotografias, pela companhia e participação neste estudo e ao; coordenador do Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica Prof.Dr. Jaime Mujica por ceder o espaço para armazenar este acervo.

⁹ Na acepção proposta por Ulpiano Bezerra de Menezes, de apreensão limitada à visão, descomprometida e carente mobilização, envolvimento pessoal e senso de pertença (1996, p. 96-98).

REFÊRENCIAS:

BEZERRA, A. L. F. Arqueologia da UFPel desenvolve trabalho com artefatos encontrados no Casarão 8. In: “Blog do Casarão 8”, *On-line*, 29-11-2011. Disponível em <https://casaraooito.wordpress.com>, acesso em 29 de junho de 2017.

BEZERRA DE MENESES, Ulpiano, Os “Usos Culturais” da Cultura – Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais, in CARLOS, A.; CRUZ, R.; YÁZIGI, E. (orgs.) **Turismo – espaço paisagem e cultura**. São Paulo: HUCITEC, 1996, p. 88-99.

LONER, B.; GILL, L.; MAGALHÃES, M. O. (Orgs.) **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Gráfica da UFPel, 2012.

MAGALHÃES, M. O. **Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora UfPel; Livraria Mundial, 1993.

MICHELON, F. F. (Org.) **Patrimônio Cultural Edificado da Universidade Federal de Pelotas : primeiro estudo**. Pelotas, Editora da UFPel & Núcleo de Patrimônio Cultural, 2013.

MOURA, R. M. G. R.; SCHLEE, A. R. **100 imagens da arquitetura pelotense**. Pelotas: Pallotti, 1998.

RIBEIRO, F.; VIEIRA, S. O zoneamento urbano como estratégia de preservação da paisagem cultural do centro histórico de Pelotas, RS. **GOT**, Porto, n. 6, p. 283-303, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt>, acesso em 29 de maio de 2017. <http://dx.doi.org/10.17127/got/2014.6.016>.

SANCHES, P. L. M. Caracterização e Origens do Culto Moderno dos Monumentos. **Revista Memória em Rede**. Pelotas, v.2, n.5, abr. / jul. 2011, p. 7-18. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria>, acesso em 13 de maio de 2017.

SCHLEE, A. R. *Pela Memória de Pelotas. Como Sempre!* In: **I colóquio sobre história e historiografia da arquitetura brasileira**, Brasília, 19 a 22 de agosto de 2008. Disponível em <http://sites.google.com/site/coloquiohh08>, acesso em 03 de maio de 2017.

Vários autores. “Blog do Casarão 8”. *On-line*. Disponível em: <https://casaraooito.wordpress.com>. Acesso em 29 de junho de 2017.